

Questão 32

Cantiga de enganar

(...)

*O mundo não tem sentido.
O mundo e suas canções
de timbre mais comovido
estão calados, e a fala
que de uma para outra sala
ouvimos em certo instante
é silêncio que faz eco
e que volta a ser silêncio
no negrume circundante.
Silêncio: que quer dizer?
Que diz a boca do mundo?
Meu bem, o mundo é fechado,
se não for antes vazio.
O mundo é talvez: e é só.*

*Talvez nem seja talvez.
O mundo não vale a pena,
mas a pena não existe.
Meu bem, façamos de conta.
De sofrer e de olvidar,
de lembrar e de fruir,
de escolher nossas lembranças
e revertê-las, acaso
se lembrem demais em nós.
Façamos, meu bem, de conta
– mas a conta não existe –
que é tudo como se fosse,
ou que, se fora, não era.
(...)*

Carlos Drummond de Andrade, *Claro Enigma*.

Em *Claro Enigma*, a ideia de engano surge sob a perspectiva do sujeito maduro, já afastado das ilusões, como se lê no verso-síntese “Tu não me enganas, mundo, e não te engano a ti.” (“Legado”). O excerto de “Cantiga de enganar” apresenta a relação do eu com o mundo mediada

- (A) pela música, que ressoa em canções líricas.
- (B) pela cor, brilhante na claridade solar.
- (C) pela afirmação de valores sólidos.
- (D) pela memória, que corre fluida no tempo.
- (E) pelo despropósito de um faz-de-conta.

RESPOSTA

Alternativa: E

O excerto de “Cantiga de enganar”, de Carlos Drummond de Andrade, apresenta a relação entre o “eu” e o “mundo” mediada “pelo despropósito de um faz-de-conta”, já que o poema revela “Meu bem, façamos de conta./ De sofrer e de olvidar,/ de lembrar e de fruir,/ de escolher nossas lembranças/ e revertê-las, acaso/ se lembrem demais em nós.”